

Manhã fora dos trilhos

FERNANDO RODRIGUES

Ana Paula Siqueira

Quem precisou utilizar o metrô na manhã de ontem teve muita dor de cabeça. Os metroviários paralisaram os trabalhos por cerca de 12 horas como forma de reivindicar a antecipação do concurso público que aumentará o quadro de funcionários. Após acordo com a Companhia Metropolitana do Distrito Federal (Metrô-DF), GDF e Tribunal Superior do Trabalho (TST), a categoria resolveu voltar aos trilhos. Cerca de 80 mil passageiros deixaram de embarcar.

Antes da manifestação dos metroviários, a Companhia Metropolitana do Distrito Federal (Metrô-DF) estipulava que o concurso seria realizado até o fim de agosto. Com o acordo, a empresa se comprometeu a antecipar a seleção para 30 de junho próximo.

A categoria afirma ter disponibilizado 30% dos funcionários para continuar as operações ontem. Entretanto, o Metrô acabou paralisando totalmente os trabalhos sob a justificativa de que não seria possível manter o atendimento com a mão-de-obra tão reduzida.

Segundo o secretário de Assuntos Jurídicos do Sindicato dos Metroviários de Brasília (Sindmetro-DF), Carlos Alberto Cassiano Silva, o Metrô afirmou que seria possível manter o fun-

cionamento com, no mínimo, 80% dos funcionários. Cassiano afirma que esse é o efetivo de um dia normal devido às escalas de trabalho.

"A própria empresa reconhece que há falta de funcionários, já que afirma que não teria condições de operar com menos de 80%", critica. O sindicalista afirma que para o pleno funcionamento do metrô, pelo menos 400 funcionários teriam de ser contratados.

O argumento foi rechaçado pelo diretor de operações e manutenção do Metrô, José Dimas. Ele afirma que "nenhum metrô do mundo" poderia operar com tão poucos funcionários. "Isso seria um crime. Pessoas poderiam morrer", indignou-se.

■ Acordo descumprido

Dimas afirma que um dos grandes problemas se deve a um acordo coletivo, que garante que ausências de até três dias sem a apresentação obrigatória de atestado médico. Com isso, a média de faltas no trabalho, que em outras empresas é de 2%, chega a 12% no metrô. "Com tanta ausência, sempre temos funcionários a menos. Mas em 2009 pretendo rever esse acordo", afirmou.

Dimas considera que a greve teve motivação exclusivamente política e não descarta a possibilidade dessa mobilização ter as eleições de 2010 como ob-



■ IMPASSE FOI RESOLVIDO APÓS ASSEMBLÉIA DA CATEGORIA NA RODOVIÁRIA: 12 HORAS DE BRAÇOS CRUZADOS

jetivo final. Mas reconhece que os motivos imediatos foram mesmo a luta pela participação do sindicato na elaboração do plano de cargos e salários e a realização do concurso. O diretor garante que houve acordo nos dois temas, mas que mesmo assim os funcionários optaram pela greve. "Desrespeitaram o próprio acordo deles", disse.

Além disso, não seria atribuição do sindicato exigir a realização do concurso, o que se-

gundo Dimas, foi informado pelo desembargador Ricardo Alencar Machado, durante a reunião de ontem, que culminou no fim da greve. De qualquer maneira, a paralisação será julgada pelo TST e, caso seja considerada inconstitucional, o sindicato poderá ser penalizado.

Sobre a reclamação de que os passageiros não teriam sido avisados, o sindicalista afirma que a paralisação foi divulgada na imprensa e informativos

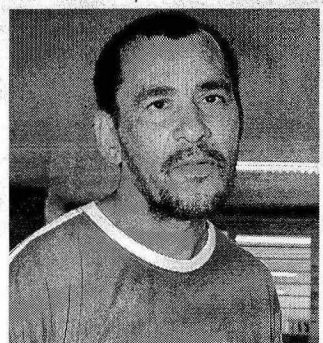
entregues nas principais estações da cidade.

A falta de informações, porém, causou transtorno a muitos trabalhadores, como o encarregado de pintor, José Maria da Silva Oliveira, 48 anos, morador de Samambaia. Para ele, a paralisação, da forma que foi conduzida, foi uma falta de respeito com os usuários do metrô. "Não custa nada nos avisar. É uma falta de vergonha que atrapalha a vida dos outros", protestou.

O que você achou da paralisação dos metroviários?



Eu não estava esperando. Peguei um ônibus até a estação para depois pegar o metrô. As pessoas trabalham e precisam do metrô para voltar para casa.
Maria Augusta Silva, 48 anos
dona de casa



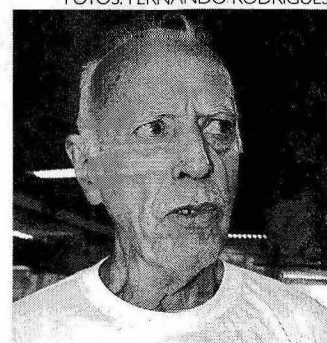
Essa greve me atrapalhou muito. Tentei pegar o metrô, mas estava fechado por causa da greve. Nós vamos para o trabalho de metrô justamente porque é mais rápido.
Delmiro Nascimento, 50 anos
gráfico



É um absurdo. Quando cheguei para pegar o metrô é que soube que estava em greve. Nós não temos culpa e temos que pagar por isso.
Rosana Fernandes, 26 anos
dona de casa



Essa paralisação atrapalhou muito. Ninguém estava sabendo. É uma falta de respeito, pois pagamos pelo serviço e não temos sequer o direito de saber.
Sarah Ramos Santos, 17 anos
estudante



É uma palhaçada. Com essa greve as pessoas que mais precisam do metrô é que foram as grandes prejudicadas. É uma falta de respeito.
Elzanan Abdão, 73 anos
aposentado

FOTOS: FERNANDO RODRIGUES